

PROJETO

# (DE)COLAGEM

DA OBRA DE  
CAIO FERNANDO  
ABREU

**OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU**  
**Texto integral**

# CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 7837/77

PEÇA : (DE) COLAGEM

ORIGINAL DE LUIZ ARTHUR NUNES E CAIO FERNANDO ABREU

APROVADO PELA D. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

**IMPRÓPRIO PARA  
MENORES DE  
18  
DEZOITO ANOS**

VÁLIDO ATÉ 22 de AGOSTO de 19 82

Brasília, 23 de AGOSTO de 19 77



**ROGÉRIO NUNES**

Diretor da DCDP

## M. J. - D. P. F. CERTIFICADO DA D. C. D. P.

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada :(DE) COLAGEM

Origem de: LUIZ A. NUNES E CAIO F. ABREU

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de JOSÉ P. DE ABREU JR. - RS

Requerida por IDEM

Tendo sido censurada em 22 de AGOSTO de 19 77 e recebida

a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ÀS FLS.:

07/68. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

**COM CORTES**

Brasília, 23 de AGOSTO de 19 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhF  
DPF-150

Chefe do Serviço de Censura

# OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU

350  
AS.

DIVISÃO DE GESTÃO DE  
DIVERSOS PÚBLICOS - DPV  
CIP Nº 100 +



( DE ) COLAGEM

ORIGINAL EM 2 ATOS DE  
LUIS AUGUSTO MENEZ  
E  
CAIO FERNANDO ABREU



## OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU

2



da entre as arcadas dentárias, é fortemente mordida. Às vezes havia pronta evacuação das matérias intestinais ou da urina, comprimidos como são os respectivos reservatórios pelos músculos das paredes abdominais. Ao fim de alguns segundos, segue-se a segunda fase. Agora aparecem contrações não tetânicas dos músculos anteriormente atacadados. Os membros movem-se em variados sentidos e em crescente amplitude. As caretas mudam de um instante para o outro. Uma espuma sanguinolenta sai pela boca, batida pelas contrações dos músculos linguais e mastigadores. Grandes movimentos começam a se produzir no tronco e nos membros, fazendo-me às vezes levantar e executar os mais variados movimentos de salto ou de corrida. A segunda fase termina por um relaxamento geral dos músculos. A respiração é larga e ruidosa, chega às vezes a lembrar um estertor. A cor cianótica do rosto mantém-se por muito tempo. A circulação torna-se rápida. O coração, agora desafogado, bate com força e freqüência. A consciência ainda não é readquirida. A fase estertorosa apresenta-se como uma coma que pode durar por muitas horas. No fim levanto-me, olho apavorado em torno de mim, resmungo palavras sem nexo, ou conto coisas que não se entendem, executo alguns movimentos automáticos, sacudo a roupa, passo a mão pelo rosto e acabo por sair de lugar em que se passou o ataque e por ir me meter a um canto, numa atitude de desconfiado e de envergonhado. Com o tempo, a loucura deixou de ser para mim uma cegueira perturbadora, para se tornar como uma clarividência, uma iluminação, um êxtase. A princípio, esse novo conhecimento sobretinha na forma de ruídos vagos, de palavras sussurradas e incompreensíveis. Ponho-me de pé, atento. De repente, ouço o meu nome pronunciado claramente no meio de vozes de timbres diferentes. É como se eu estivesse no teatro. As vozes começam a entoar um canto muito doce, como se fossem anjos. Tranqüilizo-me e escuto-as imóvel, calado, os olhos fechados, sorrindo. Surge uma aparição, envolta numa aura de luz, que me faz sinais enigmáticos. Uma voz se eleva em meio aos coros dos anjos e começa a me ditar, numa língua mística e sibilina, a revelação de verdades inefáveis. Insensivelmente, sinto que o meu contacto com a criatura sobrenatural se estreita mais e mais, até o ponto em que não estamos mais um defronte ao outro, mas somos uma única e mesma pessoa. É chegado o momento da encarnação ou da possessão. E num transporte de êxtase, sou arrebatado por um demônio alado em direção às esferas celestiais.

**ASTRONAUTA:** Gostaríamos de esclarecer à distinta platéia que o espetáculo teatral intitulado (DE)COLAGEM, um exercício em torno da metamorfose, dirigida por Luiz Arthur Nunes e representada

# OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU



não  
tácule altamente subjetivo. Portanto, perdoem-nos se falamos da  
nossa/vossa vida quotidiana, dos nossos/vossos problemas, da nossa,  
vossa miséria. Não que eles não nos interessem. Não que eles não  
sejam importantes. Mas gostaríamos de esclarecer etc. (REPETE)

BELINDA : Você é meu companheiro.

SEBASTIÃO : Hein?

BE : Você é meu companheiro, eu disse.

SE : O quê?

BE : Eu disse que você é meu companheiro.

SE : O que é que você quer dizer com isso?

BE : Eu quero dizer que você é meu companheiro. Só isso.

SE : Tem alguma coisa atrás, eu sinto.

BE : Não, não tem nada. Deixa de ser paranóico.

SE : Não é disso que eu estou falando.

BE : Você está falando do quê, então?

SE : Eu estou falando disso que você falou agora.

BE : Ah, sei. Que eu sou teu companheiro?

SE : Não, não foi assim: que eu sou teu companheiro.

BE : Você também sente?

SE : O quê?

BE : Que você é meu companheiro.

SE : Não me confunda. Tem alguma coisa atrás, eu sei.

BE : Atrás do companheiro?

SE : É

BE : Não.

SE : Você não sente?

BE : Que você é meu companheiro? Sinto sim. Claro que eu sinto. Vo-  
cê não?

SE : Não. Não é isso. Não é assim.

BE : Você não quer que seja isso assim?

SE : Não é que eu não queira. É que não é.

BE : Não me confunda. Por favor, não me confunda. No começo era cla-  
ro.

SE : Agora não?

BE : Agora sim. Você quer?

SE : O quê?

BE : Ser meu companheiro.

SE : Ser teu companheiro?

BE : É.

SE : Companheiro?

# OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU



Tem alguma coisa atrás. Você não vê?

BE: Eu vejo. Eu quero.

SE: O quê?

BE: Que você seja meu companheiro.

SE: Hein?

BE: Eu quero que você seja meu companheiro, eu disse.

SE: O quê?

BE: Eu disse que eu quero que você seja meu companheiro.

SE: Você disse?

BE: Eu disse?

SE: Não. Não foi assim: eu disse.

BE: O quê?

SE: Você é meu companheiro.

BE: Hein?

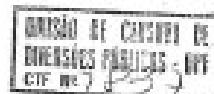
O DIÁLOGO É REPETIDO POR ASTA E POR YOUNG. DEPOIS OS QUATRO REPE-  
TEM-NO NOVAMENTE;

ASTRONAUTA: Mas o espetáculo intitulado (DE)COLAGEM, um exercício em torno de metamorfoses, dirigido por Luiz Arthur Nunes e representado por Seraphim, a melodramática banda de Porto Alegre, ainda que altamente subjetivo, pretende fabricar a sua asa com a matéria colhida na fossa comum da nossa/vossa memória, com o lodo encontrado no fundo do poço da nossa/vossa loucura. Assim, o privado se torna público, o pessoal se torna universal. E cabe a vós, distinto público, organizar essas imagens aqui apresentadas, ou deixá-las assim, fragmentos desconexos, sem qualquer sentido.

SEBASTIÃO SERVE UM BRINDE. DR. YOUNG PASSA UM REVÓLVER A ASTA E ESTA LEVA-O À BOCA. BLACK-OUT. OUVI-SE UM GRITO. A LUZ SE ACENDE SOBRE HELINDA, MORTA. OS PERSONAGENS RETORNAM AOS SEUS LUGARES.

# OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU

## 2º ATO



### 1º QUADRO : NO FUNDO DO MAR (Coreografia)

### 2º QUADRO: JOÃOZEINHO E MARIAZEINHA

NARRADOR: Quando teve consciência do que fazia, seus dedos já haviam apertado o botão do porteiro eletrônico. Não conhecia aquele prédio, nem ninguém que morasse ali. Também não conhecia a rua. Sabia apenas que era noite, que era domingo e não estava sequer um pouco bêbado. Sabia também que não sentia nada especial, nem mesmo uma vaga vontade de aventura. Mas soube disso tudo muito tarde, pois seus dedos já haviam apertado o botão, e sua voz perguntava:

JOÃO: A Maria está?

MARIA: É ela mesma,

NARRADOR: Foi só no elevador, apertando o botão do sétimo andar, que lhe ocorreu que não conhecia nenhuma Maria, que poderia não ter entrado, não ter aberto a porta, não ter apertado o botão. Mas novamente era muito tarde. O elevador subia, a fôrmica amarela descendo um pouco nos olhos. Quando abriu a porta, uma réstia de luz no corredor orientou-o até o apartamento. E ainda então, poderia ter voltado. A

JOÃO: Boa noite. Eu sou amigo do Paulo.

MARIA: Paulo? Claro, o Paulo. Como vai ele? Entre.

NARRADOR: Havia um abajur aceso num canto, um sofá de plástico avermelhado, imitando couro, duas poltronas iguais, uma mesinha com cinzeiros e nenhum quadro na parede.

JOÃO: Vai bem, vai muito bem. Passou no exame, está muito contente. Está até pensando em trocar o carro por um mais novo, deste ano.

MARIA: Que ótimo. Não quer sentar?

NARRADOR: O plástico frio. Olheu a mulher pela primeira vez. Devia ter um pouco mais de trinta anos. Talvez seja uma prostituta, pensou acostumada a receber visitas a essa hora.

JOÃO: Fuma? Acho que é muito tarde.

MARIA: Você tem horas?

JOÃO: Não.

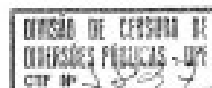
MARIA: Eu também não. Faz uns cinco anos que eu deixei de usar relógio. Achava demais neurotizante. Nunca conseguia ficar num lugar muito tempo, sempre querendo saber se era muito tarde. Agora peguei uma certa prática. Esteja onde estiver, seja que hora for, sou sempre capaz de adivinhar. Quer ver? Meia-noite e vinte.

JOÃO: Pode ser. Não tem como confirmar?

MARIA: Só ligando o rádio. Eu tinha vontade de ter um daqueles rádio com relógio junto. Você conhece? É assim: você coloca o despertador



# OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU



escolher , em vez do despertador fazer trrrrrriimmm, o rádio liga automaticamente e começa a tocar música.

JOÃO: Deve ser bom.

MARIA: É maravilhoso. Mas pode acontecer de coim cidir justamente com um anúncio, aí não é tão bom assim. Mas acho que tem umas rádios que só tocam música, não é?

JOÃO: Não sei. Nunca ouço rádio.

MARIA: Eu também não. Queria um desses. Mas é tão caro. Acho que é coisa importada, japonesa, americana. Aqui não tem disso. Bebe alguma coisa?

JOÃO: O quê?

MARIA: Perguntei se você bebe alguma coisa.

JOÃO: Pensei que você ainda estivesse falando do rádio.

MARIA: Não estou falando mais disso. Agora estou falando de bebidas. Tenho conhaque, uísque e cachaca . devia ter vinho, com esse frio. Você não acha que eu devia ter vinho?

JOÃO: Não sei. Talvez.

MARIA: Pois é. Mas não tenho. O que você prefere ?

JOÃO: Conhaque.

ELA SERVE

JOÃO: Está ótimo.

MARIA: Esquento um pouco, não é?

JOÃO : Esquento.

MARIA: Você está com frio? Estava olhando pela janela antes de você chegar e imaginando o frio que deve estar lá fora. As ruas estão vazias, não estão?

JOÃO: Estão.

MARIA: E deve haver uma pequena camada de gelo em cima dos automóveis estacionados, não é?

JOÃO: Acho que sim. Não prestei atenção.

MARIA: E quando a gente fala, deve sair uma fumacinha pela boca, não veja. Só que lá fora é ar condensado, não fumaça.

JOÃO: É assim mesmo.

NARRADOR: Ou louca, pensou. Ou puta ou louca. Mas ela era discreta e mansa, os cabelos caindo em mexas desalinhas sobre a testa, e roste um pouco gasto, as sebrancelhas depiladas e arrumadas em arco. As unhas sem pintura, roídas. Observou enquanto ela levava novamente o copo à boca, depois tornava a sorrir, os dentes irregulares, mas claros e parecendo naturais.

MARIA: Como é mesmo o seu nome?

JOÃO: João.

# OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU

DIVISÃO DE CENSURA DE  
DIVERSÕES PÚBLICAS - DFP  
CIP Nº 3857

se chama João hoje em dia. Os meninos costumam se chamar Marcelo, Alexandre, Fabiano, essas coisas. As meninas são Simone, Jacqueline, Vanessa. Lido sempre aquelas participações de nascimento no jornal, é o que mais gosto de ler.

JOÃO : Acho que vou andando. É muito tarde. Tenho que trabalhar amanhã cedo.

MARIA: Dizem que se o visitante abre ele mesmo a porta, não volta nunca mais. Volte quando quiser.

NARRADOR: Ele deu alguns passos em direção ao elevador. Ela continuava na porta. Antes de entrar no elevador ainda voltou-se para encará-la mais uma vez. E não conseguiu conter-se.

JOÃO : Não conheço nenhum Paulo .

MARIA: Eu também não.

NARRADOR: Ele apertou o botão do térreo. Conseguiu segurar a porta um momento antes que ela se fechasse, para gritar:

JOÃO: Eu não me chamo João.

MARIA: Eu também não me chamo Maria.

NARRADOR: Na porta do edifício, tornou a apertar o botão do porteiro eletrônico.

JOÃO: Escuta, você não tem um rádio-despertador?

MARIA: Claro que sim. Na minha cabeceira. E tenho também uma garrafa de vinho . Mas agora é muito tarde.

## 3º QUADRO : ENTRADAS E SAÍDAS (coreografia )

### ESQUADRO : DOIS DIÁLOGOS DA INCOMPREENSÃO

DIÁLOGO I : ATOR: Mas afinal, porque você não me disse que estava grávida.

ATRIZ: Eu tentei. perrrra. **CORTE**

ATOR: Acontece que você não tinha direito de fazer esse maldito aborto sem me consultar antes. Afinal de contas, cinquenta por cento da cria era minha, não era?

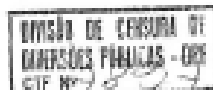
ATRIZ: Mas eu já disse que tentei te dizer. perrrra.

ATOR: Tentou--- tentou como? Aquela vez que você me disse que estava grávida menos de um dia depois que a gente tinha tropado?

ATRIZ: Você não acreditou... **CORTE**

ATOR: Mas eu podia acreditar? Menos de um dia. perrrra. Te toca. É completamente impossível alguém saber tão rápido. É humanamente impossível qualquer pessoa saber. Nem que você fosse médium...

# OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU



ATRIZ: Não fica agressivo comigo, cara.

ATOR: Agressivo? Ah, meu bem, nem que você tivesse superpoderes... Nem que fosse a mulher biônica...

ATRIZ: Uma mulher sempre sabe.

ATOR: Sabe perra nenhuma. Não me venha com esses superpoderes feminí-  
des.

ATRIZ: Sabe na hora, cara. Sabe sempre. Sabe o tempo todo. No minuto  
exato em que você põe o peru lá dentro, tá sabendo? Na hora de baixar  
a calcinha. No segundo em que eu botei o olho em você, cara.

ATOR: Não força.

ATRIZ: Como não força? E já que estamos falando disso, responde a essa  
pergunta: por que é que você sempre faz amor de olhos fechados?

ATOR: Você quer saber? Você quer saber mesmo?

ATRIZ: Quere saber tudo. Por que é que você faz amor de olhos fechados?

ATOR: Por que é o único jeito de imaginar que estou trepando com um  
H homem.

ATRIZ: E... isso te dói?

ATOR: Absolutamente. Eu acho que:

**DIÁLOGO II** : ATRIZ: Uma vez, bem no meio da ponte do Guaíba, você me  
falou que a gente podia alugar um apartamento em Moínhos  
de Vento.

ATOR: A gente?

ATRIZ: É. Nós dois. Eu e você.

ATOR: Ah. Mas já faz tempo.

ATRIZ: Muito tempo, você acha?

ATOR: Isso é uma questão real ou simbólica?

ATRIZ: Como assim?

ATOR: Quero dizer: você quer uma resposta alegórica ou  
realista?

ATRIZ: Realista?! Como?

ATOR: Realista no sentido de não ter subtexto, entende?  
Quero dizer que acho que faz muito tempo porque se passem  
suponhamos, um mês. E a partir disso, eu...

ATRIZ: Mas você lembra?

ATOR: Suponhamos que sim.

ATRIZ: Esse "suponhamos" é real ou alegórico?

ATOR: "Entre les deux, mon cocur venite."

ATRIZ: O quê?

ATOR: Quero dizer que...

ATRIZ: Você acha que um mês é um tempo significativo?

ATOR: Significativo em que termos?

# OBRA ORIGINAL DE CAIO FERNANDO ABREU



5) QUAIRO: SILHUETAS (efeitos de sombra em telão.)

6º QUAIRO: CARTA DE UMA MÃE CUJA MÃE MORREU

ATOR: Em 75 eu estava estudando nos Estados Unidos, e participei de laboratórios teatrais com um grupo de vanguarda neovaltorquino. Cada um dos atores participantes tinha que preparar um texto para trabalhar. Não importava o que fosse. Podia ser um monólogo de Shakespeare, uma bula de remédio ou um anúncio do New York Times. Uma das minhas colegas, chamada Naomi, escolheu para dizer uma carta que havia recebido de sua mãe. Eu copiei a carta, imaginando que um dia talvez pudesse utilizá-la de alguma maneira. Ela é algo tão pessoal, tão íntimo, que achei que caberia perfeitamente num espetáculo teatral.

A carta dizia assim:

Querida Naomi:

Teu telefonema me deprimiu muito. Eu tinha acabado de enterrar minha mãe. Eu estava sozinha. E apesar dela não ter se importado contigo nos últimos vinte e cinco anos, simbolicamente é como se agora ninguém mais se importasse contigo. Nenhum dos meus irmãos veio. Não havia calor, nem afeto, nem simpatia. Quando chegar a minha hora, você virá ao meu funeral? Vai ser um alívio para você, ou você dirá, Naomi, agora ninguém mais se importa contigo?

7º QUAIRO: PULSAÇÃO (cinegrafia)